

CGTP
INTERINDICAL NACIONAL

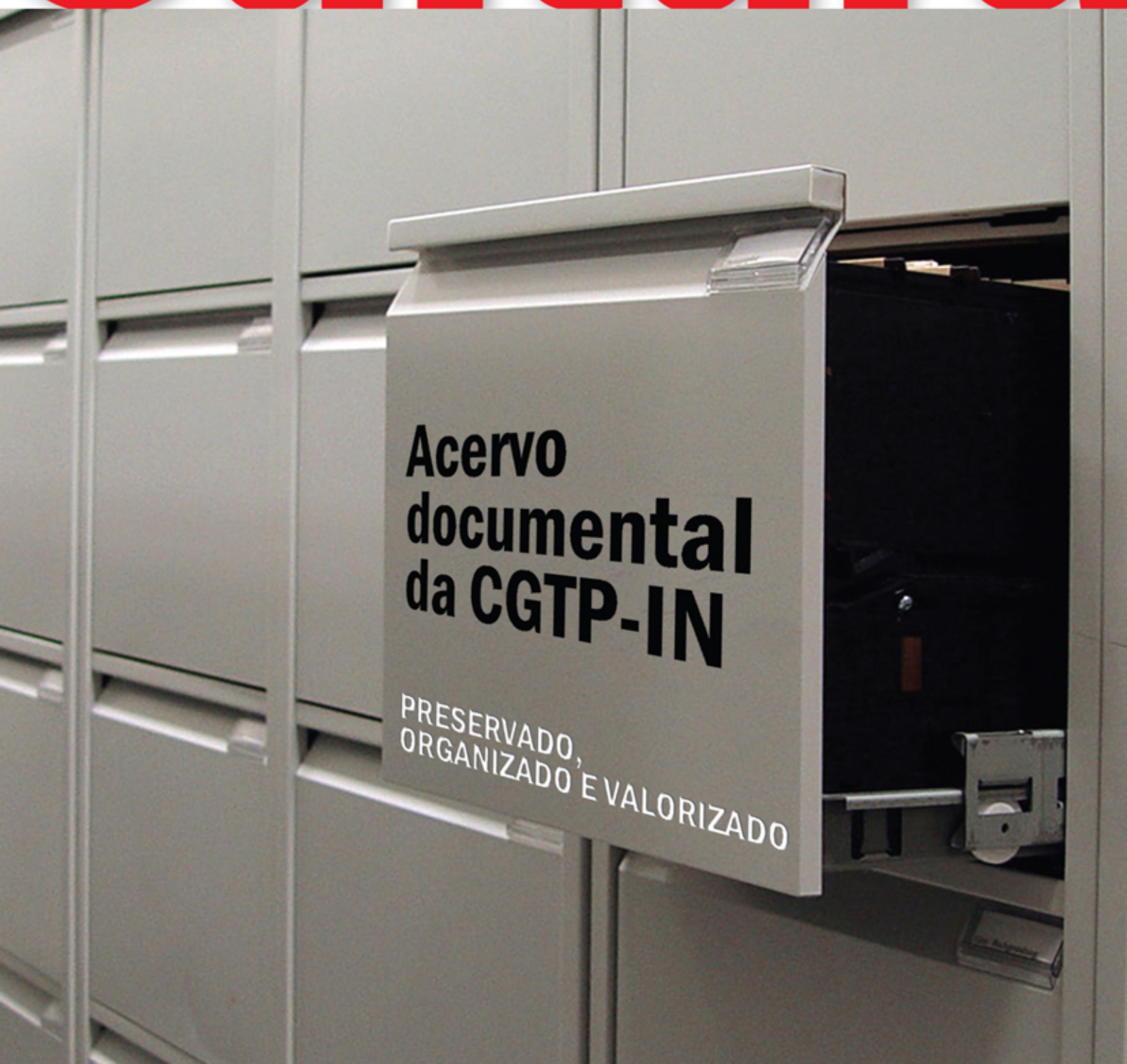
Director: Fernando Gomes | Série II | nº 1 | Outubro 2010

ISSN: 1647-7359

Cultural

**Acervo
documental
da CGTP-IN**

**PRESERVADO,
ORGANIZADO E VALORIZADO**



A CGTP-IN comemora, a 1 de Outubro próximo, o seu 40.º aniversário. Aproveitamos, por isso, para saudar os trabalhadores e trabalhadoras, dirigentes e activistas sindicais que, pelo menos desde 1970, contribuíram para estes anos de história.

A preservação, organização e valorização dos documentos que testemunham estes anos de história é, neste contexto, de extrema importância para o Movimento Sindical representado pela CGTP-IN.

No último número, apresentámos o projecto, em curso desde Setembro de 2009, que visa, precisamente, atingir estes objectivos, concorrendo, desta forma, para manter viva a memória das lutas, conquistas e sucessos protagonizados pela Intersindical nos últimos 40 anos.

Neste número damos conta da evolução da actividade de cada uma das vertentes do projecto.

Destacamos, também, algumas obras que acabam por se enquadrar neste mesmo objectivo de preservação da memória da vida sindical, como é o caso do *Arquivo do Meu Pensamento* e dos livros do Américo Nunes e Kalidás Barreto e outras que, ao invés, contribuem para a discussão sobre o presente e o futuro do movimento sindical e, nomeadamente, o seu posicionamento a nível internacional, como é exemplo o livro do Florival Lança, *Inter Nacional*.

Não podíamos deixar de assinalar, também, a perda de uma figura maior da literatura portuguesa contemporânea, José Saramago, realçando o seu empenhamento cívico, o seu persistente desassossego e contributo para as causas sociais, para a causa dos trabalhadores.

Por tudo isso, o nosso obrigado José Saramago!

Fernando Gomes
Membro da Comissão Executiva do Conselho
Nacional; responsável pelo Departamento
de Cultura e Tempos Livres e Centro de Arquivo
e Documentação.

FICHA TÉCNICA

Título: **CGTP Cultura**
Série II, n.º 1, Outubro 2010

Director: **Fernando Gomes**
Edição: **CGTP-IN**
Cultura e Tempos Livres
Periodicidade: **Semestral**
Tiragem: **6000**

Layout e paginação: **Formiga Amarela**
– **Oficina Textos e Ideias**
Impressão e acabamentos:
Fotolitaria: **Produção e Publicidade, Lda.**

Depósito Legal n.º:
ISSN: **1647-7340 (versão impressa);**
ISSN: **1647-7359 (versão electrónica)**

Contactos:
Rua Victor Cordon, n.º 1, 2.º
1249-102 Lisboa
Tel.: **213 236 500**
Fax: **213 236 695**
cgtp@cgtp.pt

O boletim pode ser consultado,
também, em <http://www.cgtp.pt>.

Publicação financiada por:



História oral da CGTP-IN	3
Arquivo sonoro	4
Colecção do jornal Alavanca	5
Os cartazes de uma vida	6
Fotografias que fazem história	7
O livro dos 40 anos da CGTP-IN	8
O portal do CAD	9
Movimento Sindical no centenário da 1.ª República	12
Inter Nacional, um livro de Florival Lança	16
Sindicalismo na Revolução de Abril, um livro de Américo Nunes	17
Kalidás Barreto volta aos livros	19
Os protocolos do cartão CGTP	21
A homenagem a José Saramago	24

No âmbito do Projecto de Preservação, Organização e Valorização do Acervo Documental da CGTP-IN, financiado pelo Programa Operacional do Potencial Humano (POPH), damos conta, em seguida, das actividades desenvolvidas em cada uma das áreas de trabalho envolvidas.

A Intersindical Das origens ao Congresso de Todos os Sindicatos Um projecto de História Oral

As abordagens desenvolvidas pela História Contemporânea portuguesa têm privilegiado o estudo das elites, negligenciando a importância e o contributo dos comportamentos colectivos no curso da história, nomeadamente das classes trabalhadoras.

A emergência, nos anos 70, da 'nova' história do trabalho integrou a História Oral como metodologia e técnica de investigação, estabelecendo uma plataforma de entendimento com as classes trabalhadoras, envolvendo-as na escrita da sua própria história. A História Oral tornou-se, assim, metodologia imprescindível para a análise da realidade dos conflitos sociais do tempo presente e de contextos tão mutáveis quanto os períodos revolucionários. Uma tentativa de construir uma 'justa memória' dos acontecimentos políticos e sociais em Portugal, devolvendo ao palco da memória histórica a multiplicidade dos seus protagonistas. A democratização da informação histórica contribui, então, com uma nova ferramenta – de luta – acessível aos trabalhadores.

A concretização do projecto de História Oral do Centro de Arquivo e Documentação da CGTP-IN resultou de uma ambição mais alargada de “preservação, organização e valorização do acervo documental” da instituição. Este projecto é precursor, em Portugal, no quadro das instituições privadas, uma vez que a constituição de arquivos de fontes orais está maioritariamente associada a trabalhos académicos.

O projecto pretende contribuir para a história da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional, o que significa contribuir para a história de Portugal do Século

XX. A compreensão e análise do período revolucionário que pôs fim ao Estado Novo tornam urgente uma abordagem direccionada às massas que estiveram na base da transformação política, social e económica em Portugal. O 25 de Abril instalaria uma nova possibilidade de mobilização, em que a acção sindical assumiu uma acção decisiva. A História Oral permite, de forma privilegiada, aceder à compreensão dos tortuosos meandros dos processos decisórios.

Esta metodologia de recolha de informação constituirá uma forma privilegiada de garantir o levantamento e preservação das memórias (individuais) que, não estando documentadas, pelas condições de forte instabilidade do contexto político vivido, contribuirão para perceber aquilo que compõe a memória do movimento sindical e da sua luta pela organização, institucionalização e consolidação. Trata-se de uma primeira incursão, institucionalmente apoiada, para a compreensão da história do movimento sindical em Portugal e da origem da Intersindical, bem como da forma como esta organização protagonizou algumas das mais importantes lutas, entre 1970 e 1977, para a conquista dos direitos dos traba-

lhadores portugueses ou, de uma forma mais abrangente, da própria construção de um país livre e democrático.

A saída de actividade e o desaparecimento de alguns dos mais importantes sindicalistas portugueses exigem uma urgente recolha de testemunhos relativos a um período nevrálgico da história portuguesa, da acção sindical e da organização dos trabalhadores, de forma, por um lado, a colmatar algumas lacunas identificadas no arquivo histórico da CGTP-IN, bem como demais arquivos nacionais, por outro, a criar um acervo de fontes orais que se constitua como uma importante fonte de informação e memória para trabalhadores, dirigentes e funcionários sindicais e outro público interessado. Este projecto visa a pesquisa, selecção e recolha de depoimentos de dirigentes sindicais ligados à CGTP-IN, desde as origens da Intersindical ao Congresso de Todos os Sindicatos (1977). As capacidades deste programa não se esgotam nesta primeira abordagem, pretende-se abrir caminho para novas incursões nas bases do movimento sindical, proporcionando uma história do vivido do grupo e da memória do movimento sindical.

Sílvia Correia
Historiadora
Cultura e Tempos Livres
Centro de Arquivo e Documentação
CGTP-IN

O projecto pretende contribuir para a história da CGTP-IN, o que significa contribuir para a história de Portugal do Século XX

A colecção de registos sonoros custodiada pela CGTP-IN é constituída por cerca de 1000 cassetes áudio, em suporte magnético, com uma duração estimada em 1500 horas, datadas entre 1974 e 2010

Colecção sonora da CGTP 1.500 horas de sons



Imagem de uma cassette pertencente à Colecção Sonora da CGTP-IN.

Um registo sonoro é um «Documento cuja informação é veiculada através de um código de sons, que necessita de equipamento apropriado para ser ouvido.»¹

A colecção de registos sonoros custodiada pela CGTP-IN, produzida e reunida pelo actualmente designado Departamento de Informação, é constituída por cerca de 1000 cassetes áudio, em suporte magnético, com uma duração estimada em 1500 horas, datadas entre 1974 e 2010. Esta colecção contém

registos dos Congressos, das reuniões do Conselho Nacional, dos Plenários do Conselho Nacional, dos tempos de antena da CGTP-IN, de vários encontros e seminários sobre os mais diversos assuntos, os programas radiofónicos da CGTP-IN, como é o caso de *Mudar de Vida*, os 1.º de Maio, entre outros.

A especificidade do suporte deste tipo de documentos levou a que o tratamento desta colecção fosse considerada uma das prioridades no conjunto do acervo documental da CGTP-IN. Para além da audição destes documentos estar limitada à existência de um dispositivo tecnológico desac-

tualizado, estudos recentes atribuem às fitas magnéticas, compostas por um suporte plástico, a base, que pode ser de acetato de celulose ou poliéster, revestido por uma camada de produto químico magnetizável, uma longevidade, em condições ideais de reprodução, estimada em 30 anos.

Face à fragilidade destes suportes, a sua preservação assume, portanto, importância capital. Uma preservação que implicará, por um lado, a conservação dos suportes originais em condições ambientais adequadas e dos respectivos dispositivos que possibilitam a sua audição, bem como a transferência de suporte dos seus conteúdos, ou seja, a sua digitalização e preservação, a longo prazo, destes novos suportes, facilitando, também, a sua difusão e acesso.

Filipe Caldeira
Cultura e Tempos Livres
Centro de Arquivo e Documentação
CGTP-IN



Colecção Sonora da CGTP-IN.

¹ Cfr. Ivone Alves; Margarida Maria Ortigão Ramos; Maria Madalena Garcia (et. al.) – *Dicionário de Terminologia Arquivística*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993, p. 84.

**A publicação Alavanca
conheceu vários formatos,
desde o convencional formato
de jornal, até ao de revista**

A colecção de jornais/revistas Alavanca Já está acessível na web

Esta colecção é composta pelo conjunto completo dos números do jornal/revista *Alavanca*, editado pela CGTP-IN entre Dezembro de 1974 e Abril/Maio de 1996. Ao longo deste período, esta publicação conheceu vários formatos, desde o convencional formato de jornal, até ao de revista, vários directores, entre os quais se contam Avelino Gonçalves, José Luís Judas, Jaime Marques Machado, José Ernesto Cartaxo, Álvaro Rana e Manuel Lopes, e diferentes estruturas e conteúdos editoriais cujo intuito fundamental passava por informar os trabalhadores sobre as lutas que a Intersindical e o Movimento Sindical iam travando em seu nome e sobre toda a restante actividade relacionada directa ou indirectamente com esta, incluindo as questões relacionadas com a ocupação dos tempos livres, as actividades culturais e desportivas.

Além da versão encadernada, completa e disponível para consulta, a colecção é constituída, também, por exemplares individuais, ainda que alguns números se encontrem em falta.

De forma a preservar esta colecção e torná-la acessível a um público mais alargado e diversificado, contemplou-se a sua digitalização neste Projecto de Preservação, Organização e Valorização do Acervo documental da CGTP-IN, sendo possível, a partir do próximo mês de Outubro, aceder a todos os números, em formato PDF, na página web do Centro de Arquivo e Documentação, em construção.

Filipe Caldeira
Cultura e Tempos Livres
Centro de Arquivo e Documentação
CGTP-IN



*Jornal Alavanca de 09
de Dezembro de 1974.*



*Jornal Alavanca de 17
de Janeiro de 1975.*

**Esta publicação
da CGTP-IN conheceu
vários directores,
entre os quais se
contam Avelino
Gonçalves, José Luís
Judas, Jaime Marques
Machado, José Ernesto
Cartaxo, Álvaro Rana
e Manuel Lopes,
e diferentes estruturas
e conteúdos editoriais**



Jornal Alavanca de 07 de Fevereiro de 1975.

Este projecto
tem a finalidade
de divulgar
e manter viva a
memória através
das imagens e
das palavras de
ordem expressas
em cada cartaz



2.º Concurso de fotografia de 1981.



2.º Festival Sindical Teatro Amadores de 1980.



1.º Maio 1976

A colecção de cartazes da CGTP-IN Já tem mais de 1000 exemplares

Ao longo dos seus 40 anos de actividade sindical, a CGTP-IN vem armazenando, na sua sede, um valioso espólio gráfico, onde estão vivas, através de palavras e imagens, as reivindicações e lutas travadas ao longo de tantos anos.

Este vasto acervo é constituído por cerca de 1000 cartazes, divididos em 17 temáticas principais, com os seus respectivos subtemas adjacentes.

Como temáticas principais, destacamos: Congressos CGTP-IN, Aniversários CGTP-IN, 1.º de Maio, 25 de Abril, 8 de Março, Reivindicações Diversas, Jornadas de Luta, Campanhas de Sindicalização, Manifestações, Greves, Mulheres, Inter-Jovem, Inter-Reformados, Seminários, Conferências, Cultura, Organizações Internacionais e Nacionais.

Numa primeira fase, este acervo passa por um processo de inventariação, pesquisa e selecção de cartazes.

Estando-se já numa segunda fase, foi criado um Livro de Registos informático com o objectivo de inventariar, cotar e descrever toda a colecção para, posteriormente, se poder arquivar e consultar de forma ordenada, facilitando, assim, o rápido acesso à informação "Cartazes".

Por último, todo o acervo será catalogado, cotado e indexado numa base de dados bibliográfica (Bibliobase), onde vão estar disponíveis 900 cartazes digita-

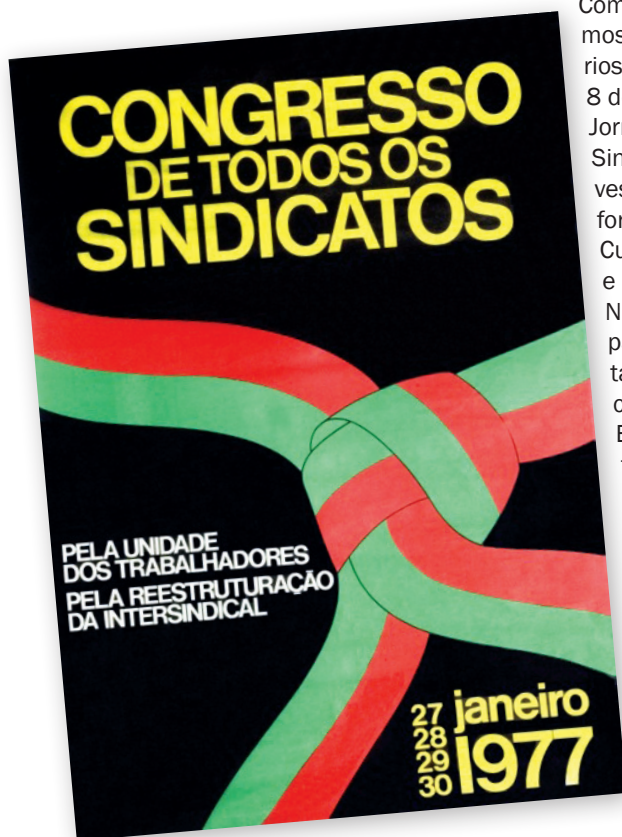
lizados, tendo como finalidade permitir o acesso à informação e, assim, permitir a

pesquisa e a visualização dos cartazes, facilitando a sua difusão.

As dificuldades encontradas até agora no tratamento desta colecção prendem-se, particularmente, com o tipo de suporte em si e a dificuldade em manusear e armazenar material de grandes dimensões, mas também se encontra dificuldades em conseguir uma ordem sequencial e cronológica, o que obriga a uma pesquisa exaustiva cada vez que se trabalha um tema. É, por isso, um trabalho demorado, sujeito a múltiplas correcções à medida que novas informações vão surgindo.

Todo este projecto tem uma finalidade, e a da CGTP-IN é divulgar, manter viva a memória através das imagens e das palavras de ordem expressas em cada cartaz, das lutas sindicais travadas ao longo de meio século pelo Movimento Sindical Português, tendo também, como protagonistas, todos os trabalhadores portugueses contra as desigualdades sociais e económicas e em defesa do trabalho e do Direito ao Trabalho.

Sónia M. Marques Duarte
Técnica-Adjunta de Documentação
Centro de Arquivo e Documentação - CGTP-IN



Congresso de Todos os Sindicatos
27 a 30 de Janeiro de 1977



Em breve, serão disponibilizadas na web reportagens fotográficas que vão de 1977 a inícios de 1982

Despedimentos 1980 em Lisboa.

O arquivo fotográfico da CGTP-IN Milhares de imagens irão ser disponibilizadas

No que diz respeito ao tratamento do arquivo fotográfico, foram seleccionadas as reportagens a serem devidamente higienizadas e acondicionadas, que vão ser também descritas na base de dados ICA AtoM, posteriormente disponibilizada na página web do Centro de Arquivo e Documentação, em construção. As reportagens seleccionadas foram as mais antigas, de 1977 a inícios de 1982, pois são as que inspiram maiores cuidados de preservação e conservação. Assim, esperamos possibilitar o acesso a documentação relativa a um período em que a documentação escrita é muito escassa, contribuindo para um melhor conhecimento da história e actividades da Intersindical Nacional, que comemora este ano o seu 40.º Aniversário.

Mónica Rogério
Técnica Superior de Arquivo
Centro de Arquivo e Documentação
CGTP-IN

7



1.º de Maio. Atletismo no Estádio Nacional, a 28 de Abril de 1980.



Festa do Emigrante, Agosto de 1981, em Faro.



Espectáculo Comemorativo Centenário 1.º de Maio. 30 de Abril de 1986, no Coliseu Recreios em Lisboa.



Seminário Sindical Nacional de Tempos Livres - 12 de Janeiro de 1980, Faculdade de Letras de Lisboa - A23/3 (publicado no Alavanca, n.º 33, Fevereiro 1980, p. 8).



Manifestação contra 2.º Governo Balsemão, no dia 12 de Dezembro de 1981, na Avenida da Liberdade em Lisboa.

Foram convidados alguns ex-dirigentes para colaborar na elaboração de “uma publicação” sobre o trajecto histórico da CGTP – Intersindical Nacional. Estão a trabalhar no livro Francisco Canais Rocha, Daniel Cabrita, Victor Ranita, Kalidás Barreto, José Ernesto Cartaxo, Américo Nunes e Emídio Martins.



40.º aniversário da CGTP-IN (1970-2010) Um livro em preparação

8 | Fez 40 anos no passado dia 1 de Outubro que a Intersindical foi criada, em pleno regime fascista, para nesse quadro, lutar pela melhoria das condições de trabalho, direitos e liberdades fundamentais dos trabalhadores e dos cidadãos em geral. O plano de trabalho aprovado pelos órgãos da central para o ano de 2010, no largo conjunto de iniciativas e acções que se propõe levar a cabo este ano, para reforçar o movimento sindical, a unidade e a luta dos trabalhadores na defesa e melhoria dos seus direitos e interesses, insere algumas delas com o objectivo de assinalar a sua fundação, há 40 anos, pelos trabalhadores portugueses. A realização de debates, exposições e a publicação de conteúdos que assinalem lutas e conquistas marcantes nos sectores, nas regiões e no plano geral; a realização de iniciativas que envolvam a participação de actuais e antigos dirigentes sindicais, etc. Para acompanhar o desenvolvimento do programa nos aspectos que respeitam

às comemorações do aniversário, que culminarão com uma grande iniciativa no plano central, a comissão executiva criou um grupo de trabalho alargado, constituído por dirigentes no activo, seus membros, e antigos dirigentes sindicais que a compuseram ao longo dos anos. De entre esse grupo de trabalho, devidamente assessorados por técnicos do departamento de cultura e tempos livres, foram convidados alguns ex-dirigentes para colaborar na elaboração de “uma publicação” sobre o trajecto histórico da CGTP – Intersindical Nacional, as suas raízes, realizações e a sua contribuição para as transformações políticas, económicas e sociais na sociedade portuguesa, nos últimos 40 anos. Estão a trabalhar na elaboração do livro Francisco Canais Rocha, o primeiro coordenador da Intersindical a seguir ao 25 de Abril; Daniel Cabrita, dirigente dos bancários de Lisboa em 1970, que presidiu à primeira “reunião Intersindical” e pertenceu à sua comissão organizadora; Victor Ranita, dirigente

do sindicato dos metalúrgicos do Porto e da Federação deste sector antes do 25 de Abril; Kalidás Barreto, deputado à assembleia constituinte pelo PS, dirigente dos têxteis desde o 25 de Abril e membro da comissão executiva durante 15 anos; José Ernesto Cartaxo, dirigente dos metalúrgicos desde 1975, e membro da comissão executiva durante 30 anos; Américo Nunes, dirigente da hotelaria desde o 25 de Abril e da central durante 20 anos, e Emídio Martins, ex-presidente da Liga Operária Católica (LOC), dirigente do Sindicato do Comércio e membro da Comissão Executiva da CGTP-IN durante vários anos. O projecto de livro está dividido em quatro partes ou períodos: a herança histórica de que somos os continuadores naturais no movimento sindical; a formação da Intersindical durante o regime fascista, entre 1970 e o 25 de Abril de 1974; o período revolucionário e o pós 25 de Novembro de 1975, até à realização do Congresso de Todos os Sindicatos, no final de Janeiro de 1977.

Américo Nunes, Daniel Cabrita,
Emídio Martins, Francisco Canais Rocha,
José Ernesto Cartaxo, Kalidás Barreto e Victor Ranita.

O portal do Centro de Arquivo e Documentação

Está em construção o sítio Web do Centro de Arquivo e Documentação (CAD), que será o rosto do projecto em curso e uma porta de entrada para a história da CGTP-IN, a sua memória, o seu património documental.

A página será elaborada em torno de dois eixos fundamentais.

O principal não poderia deixar de ser aquele que permitirá a pesquisa, ou seja, o acesso às descrições documentais que estão em curso e que permitirão ao utilizador conhecer o fundo documental arquivístico à guarda da CGTP-IN, através de pesquisa simples ou avançada. Chamamos a atenção para o facto desta pesquisa permitir, nesta primeira fase, conhecer apenas o acervo arquivístico da CGTP-IN. A pesquisa será facultada através da base de dados que estamos a usar para as descrições

documentais, denominada ICA AtoM (International Council on Archives – Access to Memory), desenvolvida pelo Conselho Internacional de Arquivos e baseada em software livre.

O segundo permitirá ao utilizador ter acesso a um conjunto de informação actualizada relacionada com a actividade do CAD (notícias de publicações e outras iniciativas diversas promovidas pelo CAD ou cujo interesse no âmbito dos arquivos e bibliotecas do mundo do trabalho o justifique).

Será possível, também, como informámos quando vos falámos da colecção de jornais/revistas Alavanca, aceder a todos os números desta colecção em formato PDF, bem como aos boletins de sumários mensais elaborados pelo CAD.

O utilizador mais interessado terá ainda a possibilidade de receber periodicamente um folheto informativo (newsletter) com as últimas novidades, ou então inscrever-se no serviço RSS, permitindo-lhe manter-se actualizado diariamente sobre as descrições documentais introduzidas na base de dados e outras notícias.

Está em construção o sítio Web do Centro de Arquivo e Documentação (CAD), que será o rosto do projecto em curso e uma porta de entrada para a história da CGTP-IN, a sua memória, o seu património documental.

Filipe Caldeira
Cultura e Tempos Livres
Centro de Arquivo e Documentação
CGTP-IN

Será possível, aceder a todos os números da colecção de jornais/revistas Alavanca, bem como aos boletins de sumários mensais elaborados pelo CAD (Centro de Arquivo e Documentação)



Depósito de Archivo Intermedio da Federación de Servicios a la Ciudadanía



Depósito de Archivo Intermedio da Federación de Industria

Visita de estudo à **Fundación 1.º de Mayo**

Conforme planeado inicialmente, realizou-se uma visita de estudo à Fundación 1.º de Mayo¹, com sede em Madrid, Espanha, entre os dias 10 e 12 de Fevereiro de 2010.

Esta visita teve como objectivo central a familiarização com o trabalho, técnicas e soluções desenvolvidos e empregues por esta instituição no que diz respeito ao tratamento do seu acervo documental, arquivístico e bibliográfico.

A Fundación 1.º de Mayo, criada em 1988 pela Confederación Sindical de Comisiones Obreras (CC.OO)², tem como uma das suas atribuições fundamentais a preservação da memória desta Central Sindical, através do seu Archivo Histórico, Centro de Documentación da Emigración Española e da Imigración e do Centro de Documentación e Biblioteca. No dia 11 foi-nos dada a conhecer a sede da Fundación 1.º de Mayo, o acervo que tem à sua guarda e a equipa técnica responsável pela sua gestão, composta por 7 técnicos superiores de arquivo e uma bibliotecária. Através do nosso interlocutor, José Antonio de Mingo Blasco, arquivista coordenador do Archivo Histórico da Fundación, que nos acompanhou durante toda a visita, e da coordenadora do Centro de Documentación de las

Migraciones, Ana Fernández, ficámos a conhecer de forma mais detalhada a missão desta instituição, a sua actividade, os seus projectos, a composição do seu acervo e os trabalhos em curso neste âmbito.

O dia 12 foi dedicado a uma visita aos arquivos e depósitos da Federación de Servicios a la Ciudadanía³ e da Federación de Industria de CC.OO⁴, onde pudemos constatar a actuação in situ de uma equipa de arquivistas gerida pela Fundación, que tem como missão fundamental a identificação e descrição da documentação que transita do arquivo corrente para o arquivo intermédio e a implementação de boas práticas a este nível.

Em seguida, visitámos o Centro de Documentación Confederal, responsável pela gestão do acervo bibliográfico das CC.OO (sede).

Por fim, reunimos com o Secretario de Estudios das CC.OO, Rodolfo Benito Valenciano, e, por inerência, o presidente da Fundación 1.º de Mayo.

Finalizámos a visita com um almoço

oferecido pelas CC.OO, onde esteve presente o responsável pelo Departamento de Relaciones Internacionales, Javier Doz.

Esta visita à Fundación 1.º de Mayo, para além de nos possibilitar uma familiarização com o trabalho e métodos empregues por esta instituição no tratamento dos seus arquivos, o que correspondia aos objectivos iniciais desta viagem, permitiu-nos, também, perceber a importância e o valor que é atribuído a este mesmo trabalho por parte das CC.OO. Durante toda a visita, em todos os locais que visitámos e em todas as conversas que mantivemos, tivemos a nítida percepção de que este trabalho de preservação, organização e valorização dos seus acervos documentais é reconhecido por todos não apenas como um sério investimento no conhecimento da história das CC.OO, mas também como um instrumento ao serviço da actividade sindical quotidiana e da sua eficiência e uma fonte fundamental para a formação dos futuros quadros sindicais. A valorização do património documental dos sindicatos é um trunfo também na aproximação à sociedade e na sensibilização para a importância e a premência da actividade sindical.

Fernando Gomes

¹ Cfr. <http://www.1mayo.ccoo.es/nova/NPortada>.

² Cfr. <http://www.ccoo.es/cscceo/menu.do?Inicio>.

³ Cfr. <http://www.fsc.ccoo.es/webfsc/menu.do?Inicio>.

⁴ Cfr. <http://www.industria.ccoo.es/industria/menu.do?Inicio>.

Efemérides Alavanca

■ 15-22 de Setembro de 1979

«A CGTP-IN promoveu [...] uma Semana de Luta contra o Desemprego. [...] De colaboração com outras organizações sindicais [...], organizou a realização de colóquios, plenários distritais de dirigentes e delegados sindicais, plenários em grandes empresas. A par disto, foi feito um intenso esforço de informação, esclarecimento e mobilização [...]. O Encontro Nacional de dirigentes sindicais realizado no dia 22, culminou a Semana de Luta, durante a qual, nos seus locais de trabalho, milhares e milhares de trabalhadores discutiram a actual situação no que respeita ao desemprego e aprovaram grande número de moções, exigindo a aplicação de uma nova política, que corrija e rectifique os erros cometidos no último ano.»

Alavanca, n.º 29, Ano 4, Outubro de 1979, p. 18-19.

■ 10-11 de Novembro de 1979

«A CGTP-IN promoveu e organizou o Encontro Nacional sobre Direito Processual do Trabalho [...]. Este encontro resultou da necessidade de analisar o Projecto de Código do Processo de Trabalho que havia sido entregue para apreciação nas primeiras semanas de Outubro.»

Alavanca, n.º 31, Ano 5, Dezembro de 1979, p. 8.

■ 17 de Novembro de 1979

«Com a participação de várias centenas de representantes de organizações de reformados, pensionistas e idosos dos mais diversos pontos do País, realizou-se, no dia 17 de Novembro, na Voz do Operário, o I Encontro Nacional do MURPI para o Estudo e Análise de Soluções dos Problemas dos Idosos e Inválidos. Correspondendo ao apelo da sua Coordenadora Nacional, os idosos e inválidos das organizações aderentes ao MURPI, ao participarem neste Encontro, vieram dar a sua contribuição para a criação em Portugal de um verdadeiro Sistema de Segurança Social, analisando as condições difíceis da sua existência e apontando as soluções possíveis para os graves problemas que os afectam.»

Alavanca, n.º 31, Ano 5, Dezembro de 1979, p. 21.

■ 5 de Outubro de 1980

Após dois dias de greve [...], na imprensa escrita e radiodifusão [...], os jornalistas prosseguiram com uma acção de agitação na noite das eleições, cujo principal centro foi a Fundação Gulbenkian. Aí, durante 30 minutos de paralisação com concentração, no átrio, de dirigentes sindicais e trabalhadores, foi divulgado um comunicado à opinião pública.»

Alavanca, n.ºs 40/41, Ano 5, Outubro/Novembro de 1980, p. 6.

Os estratos do
jornal Alavanca
são instrumentos
preciosos
de análise social
da época e um
sinal da luta dos
trabalhadores e
suas conquistas



Jornal Alavanca de 6 de Agosto de 1975

Centenário da I República

O papel e intervenção do Movimento Sindical (II)

Dando continuidade ao trabalho iniciado no n.º 10 do Boletim CGTP Cultura (série I), iremos abordar, nesta segunda parte, o desenvolvimento das lutas e da organização sindical, as conquistas económicas e sociais alcançadas e as relações entre o movimento sindical português e os governos da I República.

Como referimos anteriormente, os trabalhadores portugueses estiveram na primeira linha da luta pelo fim da monarquia e bateram-se corajosamente, ao lado dos militares republicanos comandados por Machado dos Santos, na revolução de 5 de Outubro.

A eles e às massas populares que, tal como no 25 de Abril de 1974, vieram para as ruas apoiar os militares revolucionários, se deve, em boa medida, o êxito de uma sublevação que muitos davam como falhada.

As expectativas de que o Governo Provisório da República, chefiado por Teófilo Braga, respondesse, de acordo com as promessas e com o programa do Partido Republicano Português, aos inúmeros

problemas sociais com que se confrontavam as classes trabalhadoras eram, compreensivelmente, elevadas.

No entanto, estas legítimas aspirações vieram a ser frustradas, criando um clima de confronto, quase permanente, entre o movimento sindical e os Governos da República.

A lei da greve e do lock-out, promulgada pelo ministro Brito Camacho, a 6 de Dezembro de 1910, é um claro exemplo. Não se tratou tanto de legalizar o direito à greve – que nem sequer era uma necessidade premente, já que estas se faziam durante a monarquia com lei ou sem ela – mas de legitimar o encerramento, pelos patrões, das empresas sempre que os trabalhadores entravam em luta, ou assegurar, através da intervenção das forças policiais, ou militares, o apoio a fura greves ou à contratação de trabalhadores estranhos às empresas.

Esta lei, que passou a ser conhecida como decreto burla, assim como a violenta repressão contra as operárias conserveiras de Setúbal, em greve, a 13 de Março de 1911, de que resultou o assassinato, pela recém-criada Guarda Nacional Republicana, de um trabalhador e uma trabalhadora; o encerramento da Casa Sindical, em Lisboa, como represália pela greve geral de 29 e 30 de Janeiro de 1912, convocada em solidariedade para com os trabalhadores agrícolas do Alentejo, vítimas da repressão das forças militarizadas e a prisão de mais de 700 dirigentes sindicais, enviados para navios de guerra e mais tarde para o Forte de Sacavém, marcam uma relação que, no mínimo, diríamos conflituosa entre o movimento sindical e os governos da República.

Como nos diz César de Oliveira – histo-

riador já por nós citado na primeira parte deste trabalho –, «As medidas tomadas pelos primeiros governos republicanos encarregaram-se de demonstrar que a república foi feita pelas classes médias e que o operariado nada tinha a esperar dela a não ser que se comportassem dentro dos limites da legalidade parlamentar como queria Afonso Costa.»¹ Uma proposta difícil de aceitar, já que a República, mantendo a legislação eleitoral da monarquia, recusava o direito de voto às mulheres e aos analfabetos, afastando deste processo mais de 75% do universo possível, sendo a esmagadora maioria trabalhadores que não se viam representados no Parlamento. No entanto, mercê das lutas travadas, os trabalhadores portugueses conquistaram, nos 16 anos que durou a primeira república democrática, importantes direitos sociais e laborais: a redução do horário de trabalho, que a partir de 1919 passou a ser de 8 horas diárias – 48 semanais – para os trabalhadores da indústria, do comércio e dos serviços –, ainda que não se aplicasse aos trabalhadores rurais, aos pescadores, trabalhadores da hotelaria e muitos outros –, o direito ao descanso semanal obrigatório; a protecção nos acidentes de trabalho e a melhoria dos salários e das condições de vida e de trabalho.

Para isso, foi decisivo o reforço da organização sindical, reconhecida de jure

As legítimas
aspirações vieram
a ser frustradas,
criando um clima
de confronto,
quase permanente,
entre o movimento
sindical e os Gover-
nos da República.

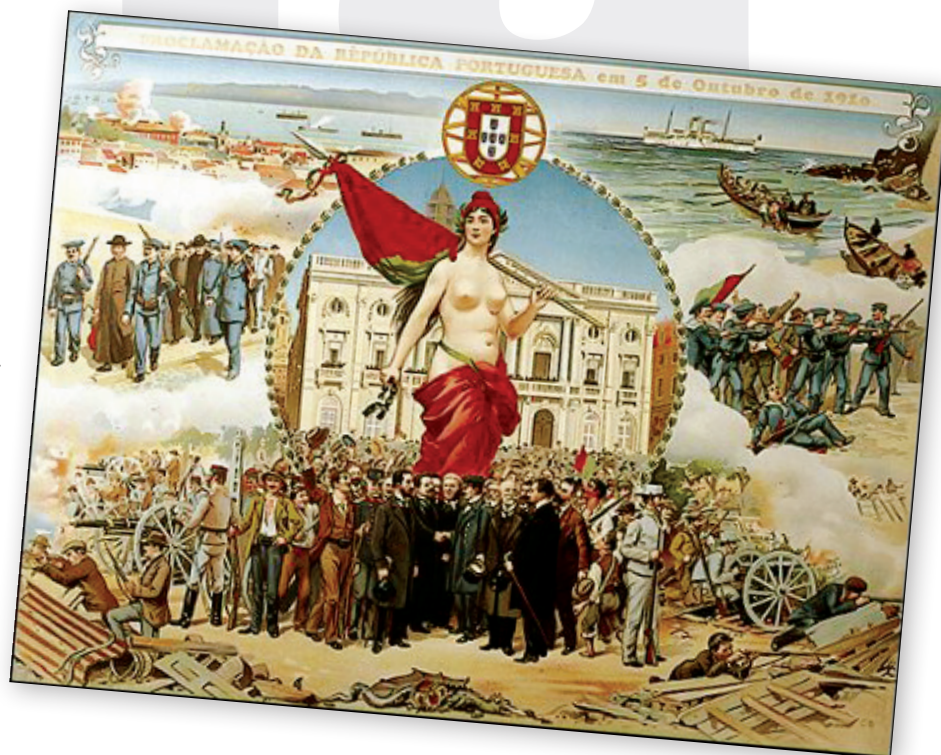
desde 1891, correspondendo a uma das principais reivindicações do primeiro Congresso das Associações de Classe, realizado nesse mesmo ano. Mas é após a implantação da República que se assiste a um evidente salto qualitativo e quantitativo da organização sindical.

Para isso contribuíram, e muito, as teses aprovadas na 2.ª sessão do Congresso Sindical e Cooperativo – iniciado em 1909 – e que teve lugar em Maio de 1911, na qual o sindicalismo revolucionário assume o papel dirigente do movimento sindical português, tendo como matriz os princípios aprovados no congresso da CGT francesa, realizado em 1906, na cidade de Amiens. Fortemente influenciados por concepções anarquistas e considerando que, só por si, a organização sindical seria capaz de conduzir as classes trabalhadoras a uma sociedade sem classes, o sindicalismo revolucionário limitava o campo de acção e intervenção destas, afastando-as de alianças necessárias para empreender as transformações políticas, sociais e económicas tão essenciais à sociedade portuguesa.

Dedicando-se quase exclusivamente à luta sindical, justo é reconhecer que os dirigentes de então não regatearam esforços na construção de um sindicalismo combativo e militante.

Em certos sectores, caso dos trabalhadores agrícolas do Alentejo e Ribatejo, sem nenhum tipo de organização de classe até 1910, constituíram-se, em menos de dois anos, sindicatos com significativa implantação local, concelhia e regional, criando condições para a realização do seu primeiro Congresso, em 25 de Abril de 1912.

As greves e outras formas de luta desenvolvidas por trabalhadores de empresas e sectores tão diversos como os da Carris, ferroviários, trabalhadores da marinha mercante, metalúrgicos, constru-



Os trabalhadores portugueses estiveram na primeira linha da luta pelo fim da monarquia e bateram-se corajosamente, ao lado dos militares republicanos comandados por Machado dos Santos, na revolução de 5 de Outubro.

A União Operária Nacional (UON) tinha como reivindicações mais prementes o aumento geral dos salários, a melhoria das condições de trabalho, a redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias e a realização de uma Reforma Agrária nos campos do Alentejo e Ribatejo

14

ção civil, trabalhadores das Companhias de Gás e Electricidade de Lisboa e Porto, têxteis, caixeiros, conservas, trabalhadores rurais, padeiros, tabaqueiros, funcionários públicos e pessoal dos Correios e Telégrafos – ainda que estes dois últimos sectores estivessem proibidos de constituírem sindicatos – moagens, hotéis e restaurantes, só foram possíveis graças a uma sólida organização sindical e a uma elevada consciência de classe. Um apanhado muito sucinto dá-nos conta de que, entre 1910 e 1926, os trabalhadores levaram a cabo 518 greves, 217 das quais por melhores salários, 84 pela redução da jornada de trabalho e 97 de solidariedade para com outros trabalhadores em luta. Quanto aos resultados: em 182 os trabalhadores viram satisfeitas integralmente as suas reivindicações; 196 resultaram em acordos e 63 foram consideradas derrotas, ou foram suspensas.

A nível sectorial e regional foram constituídas Federações e Uniões, em quase todos os sectores e regiões.

De 15 a 17 de Março de 1914, no Congresso Operário de Tomar, constitui-se a primeira central sindical portuguesa: a União Operária Nacional (UON).

A I Grande Guerra teve início em 28 de Julho de 1914

A União Operária Nacional declara-se não só contra a participação de Portugal

no conflito, mas contra a guerra em si mesma.

Apesar de Portugal só ter entrado no conflito em Março de 1916, os efeitos sobre as populações mais carenciadas, esses, são imediatos. O açambarcamento e a especulação dos bens de primeira necessidade fazem subir em flecha os preços, reduzindo o valor dos salários. A pretexto de assaltos a armazéns, o Governo reprime as organizações dos trabalhadores, mandando encerrar as sedes da UON e das Federações dos Sindicatos Metalúrgicos, da Construção Civil, entre outras.

Quem ganhou com a Guerra foi a burguesia comercial e financeira. A abertura de novos bancos e empresas seguradoras, a par da especulação, garantem elevados lucros e permitem desencadear um processo que conduz a uma acumulação capitalista sem precedentes.

Em vez de combater estes processos de enriquecimento ilícito, o Governo decide reprimir com mais violência as lutas dos trabalhadores, travadas essencialmente contra a carestia de vida.

1916 é, dos 16 anos de luta atrás referenciados, aquele em que o número de greves é menor; só tomamos conhecimento de 7, quando a média rondava as 35/ano.

A 5 de Dezembro de 1917, Sidónio Pais, major do Exército, apoiado por militares como Machado dos Santos, herói do 5 de Outubro de 1910, encabeça um golpe militar que derruba o governo de Afonso Costa.

A UON, hostilizada pelos governos da República e muito especialmente pelos de Afonso Costa, conhecido como “racha sindicalistas”, confiante nas inúmeras promessas da Junta Revolucionária, declara o seu apoio ao golpe.

A participação de Machado dos Santos, que veio a ser nomeado ministro, não era de somenos.

Foi ele o encarregado de receber dos dirigentes da UON uma exposição que traduzia, no essencial, as reivindicações mais prementes dos trabalhadores: aumento geral dos salários, melhoria das condições de trabalho, redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias, a realização de uma Reforma Agrária nos campos do Alentejo e Ribatejo. No entanto, Sidónio Pais representava os interesses dos sectores mais conservadores da sociedade portuguesa. As inúmeras promessas não passaram disso mesmo.

Em simultâneo, Sidónio Pais decide dissolver o Parlamento, desterrar muitos dos principais chefes dos partidos republicanos e iniciar um processo que podemos considerar como uma ditadura unipessoal.

A UON cedo reconheceu que tinha sido iludida. Nenhuma das suas reivindicações foi satisfeita.

Em Vale de Santiago, Odemira, os trabalhadores rurais decidem ocupar terras abandonadas e são violentamente reprimidos pelas forças militares. Dezenas de entre eles são presos e degredados para África.

(Continua)

Carlos Carvalho
Conselho Nacional da CGTP-IN

Don Juan, o ciúme e o Libertino, o jogo dos sentidos e da arte

“Don Giovanni em Lisboa”, (actualização do libreto de uma Ópera de Mozart)

Manuel Dias Duarte

Desde o século XVII, com *El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra*, que o mito de Don Juan entra no universo criativo, primeiro, na poesia, depois, no teatro com Molière e Carlo Goldoni e, mais tarde, com Mozart, invadindo, de forma genial, o vasto campo do espectáculo operático a partir do libreto de Lorenzo da Ponte.

Os pré-românticos e os românticos, não escaparam ao apelo do sedutor, com o Don Juan Tenório, de José Zorilla e Lord Byron a transformar o libertino num épi-co de excessos líricos e arrebatamentos histrionicos. Outros poetas como Baudelaire, com o longo poema *Don Juan aux Enfers*, e o nosso combativo Guerra Junqueiro, com *A Morte de Don João*, não deixaram de percorrer as traves mitológicas desse arrebatado sedutor. Mesmo José Saramago, pegando no libreto de Lorenzo da Ponte, andou a percorrer estes caminhos, com o seu operático *Don Giovanni – O Dissoluto Absolvido*. E até Almeida Faria, um dos nossos autores mais formalmente exigentes e brilhantes, se deixou tomar pela personagem fazendo dele a trave mestra do seu magnífico romance *O Conquistador*.

Este *Don Giovanni em Lisboa*, de Manuel Dias Duarte – que é, na sua estrutura, um libreto moderno, actualizado e crítico

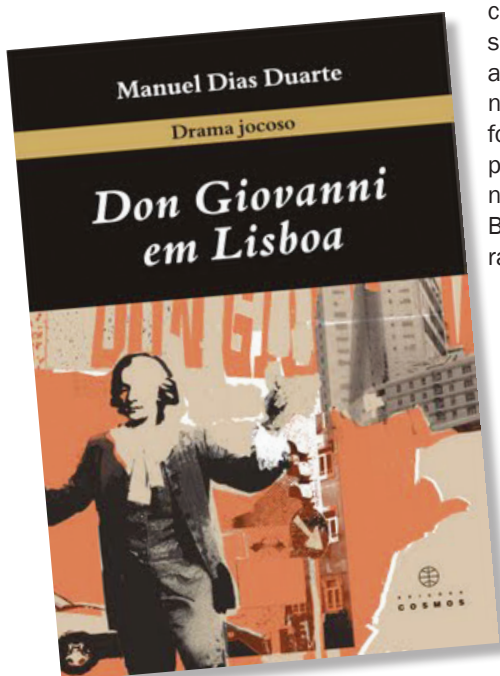
da ópera de Mozart; contendo nessa estrutura mais um acto do que o libreto original de Lorenzo da Ponte, e com uma forma de organização narrativa aristotélica – inscreve-se na tradição iluminista e stendhaliana do libertino (de resto, e a reforçar esta ideia, Mozart é um dos narradores, intervindo no processo como espécie de oposição axiomática, desenhando a componente heterodie-gética que percorre o corpo modelar do romance), aproximando-se daquilo que Roger Vailland definiu como um voluptueux qui raisonne, um homem só, amando a mulher como contrapartida do jogo mais amplo e arriscado que é a vida, libreto de sentimentalismos e dos tabus eróticos tradicionais – puro hedonismo, portanto. O contrário do Masetto angustiado e congeminando vinganças, tolhido na sua capacidade de afirmação. Pedra da Lua, ou Zerlina, ou Sofia Modesto é, nesta estrutura singular, a personagem que define todo o jogo romanesco. Pedra da Lua, curiosamente, ou não, título de uma anterior novela do autor, e igualmente título (com o artigo) de um romance de Wilkie Collins, considerado o romance precursor do policial moderno.

Logo no início, o autor faz apelo cumpliciário ao leitor. O leitor passa, deste modo – já Barthes definia este processo de apelo ao leitor como uma das componentes do romance moderno – a ser parte activa do narrado, convocado a estar atento ao desenrolar da acção e não se deixar envolver pela empatia da forma, ignorando a essência do que, no palco, nos bastidores e nas margens, nos é dado a ver. Como no teatro de Brecht, as constantes reflexões metanarrativas, obrigam-nos a uma distanciação

crítica (como o Mozart, que no texto se imiscui, ou o próprio autor, arvorado em crítico musical; o extremo gozo da forma, o jocoso barroco levado às suas derivantes hodiernas, a corda dos símbolos a ser continuamente esticada para gáudio nosso, e do autor, suponho) e esta a uma atenção redobrada sobre as metodologias que o autor, com certa agudeza, inscreve nesta técnica, nestes subtilíssimos modos de contar.

Grande parte da acção deste drama jocoso passa-se no Baixo Contínuo, armazém/restaurante, espécie de teatro isabelino mas resguardado das intempéries, que balança entre um estúdio experimental de ópera e o vulgar restaurante de fados onde, em vez da melopeia de Lisboa, se cantam áreas de ópera. De resto, os cantores acumulam essa função com a de empregados de mesa. Função, de resto, comum a grande parte das “tascas de Fado Vadio” existentes em Lisboa. Esta circunstância, que não é puramente lateral, transmite um carácter boémio e próximo do iluminismo, à irrepreensível implantação cenográfica da narrativa.

Este brilhante *Don Giovanni em Lisboa*, seduz-nos, não apenas pelo que nele se diz, pelo seu contínuo jogo circular, mas pelo que dele se infere. Trata-se de um libreto, coisa de teatro, e devemos entender este texto como o supremo acto de representação e do fingimento: da vida, da arte, das paixões. Toda a ficção é um processo de ocultação, escreveu Barthes. Brecht, dir-nos-ia caber-nos depois a tarefa de desocultação dos signos que a ficção inscreve. Entremos, portanto, nesta antecâmara dos prodígios e do ilusório, neste jogo de sombras, desarmados, e depois da estimulante leitura deste romance fechemos os olhos e escutemos o *Don Giovanni* de Mozart e sintamo-nos crescer e em casa. É para isso que a arte serve, antes que a surdez nos tome, nos cortem a língua, ou os livros desapareçam na voragem da barbárie com que este nosso tempo, permanentemente, nos vai acossando.





Para um debate em curso

“Inter Nacional”
Florival Lança¹

«[...] uma reflexão crítica sobre “a CGTP-IN e o Movimento Sindical Internacional”, produzida com base na análise do processo de debate, patentemente incipiente, relativo à filiação ou não na CSI, acerca do qual o autor sempre foi muito crítico [...]»²; «Não é um livro para impor a sua razão, nem é um livro contra ninguém. É uma obra que visa abrir um debate, sério e profundo, sobre a continuação ou não da CGTP-IN no exterior da CSI, a maior e mais representativa Confederação Mundial de Trabalhadores.»³ Estas as palavras com que Paulo Suncena, autor do prefácio, caracteriza e sintetiza o recente livro de Florival Lança, *Inter Nacional*, editado pela Profedições. O autor, com um longo currículo sindical (membro da Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa, entre 1975 e 2008, membro da direcção da União dos Sindicatos de Lisboa, entre 1977 e 1996, membro da Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN, entre 1986 e 2008, Secretário de Relações Internacionais da CGTP-IN, entre 1993 e 2008, Secretário-Geral Executivo Adjunto da Comunidade Sindical dos Países de Língua Portuguesa, membro do Conselho Económico e Social, entre 1997 e 2000, membro suplente do Comité Executivo da Confederação Europeia de Sindicatos, entre 1994 e 2008, entre outros) pretende, com esta

obra, lançada no passado dia 9 de Abril, no Sindicato dos Professores do Norte, no Porto, partilhar «[...] um olhar crítico mas despretensioso acerca de um tema com actualidade, todavia pouco abordado: “A CGTP-IN e o Movimento Sindical Internacional”».⁴ Uma obra que surge do empenho em contribuir para o debate sobre uma questão complexa e difícil no seio da CGTP-IN, cuja argumentação contrária à sua o autor considera basear-se, «[...] exclusivamente numa retórica panfletária e pseudo-revolucionária, longe da realidade concreta vivida pelos trabalhadores.»

Uma obra que surge da necessidade de partilhar os argumentos que o levam a defender a integração da CGTP-IN na nova Central Sindical Internacional, procurando, simultaneamente, «[...] explicitar alguns dos constrangimentos de ordem política e ideológica que dificultam e distorcem a compreensão do que está em causa [...]»⁵.

Uma obra que se interroga sobre as circunstâncias e condicionamentos que conduziram a CGTP-IN «[...] a esta situação de não filiação Internacional [...] e [sobre] o que torna tão extraordinário, difícil e complexo o posicionamento da maior Central Sindical portuguesa ao ponto de, na Europa, constituir uma excepção [...]»⁶.

Enfim, um trabalho em que Florival Lança pretende, também, apresentar as razões da sua discordância face ao que considera ser uma aproximação cada vez mais acentuada da Intersindical ao âmbito de actividade da Federação Sindical Mundial (FSM).

¹ Florival Lança – *Inter Nacional*. 1.ª ed. Porto: Profedições; Jornal A Página, 2010. Disponível no Centro de Arquivo e Documentação da CGTP-IN, cota: L/10.196.

² Cfr. p. 9.

³ Cfr. p. 11.

⁴ Cfr. p. 17.

⁵ Cfr. p. 19.

⁶ Cfr. p. 20.

Um testemunho vivido

"Sindicalismo na Revolução de Abril"

Américo Nunes

O camarada Américo Nunes, dirigente sindical histórico, do sector da hotelaria e turismo e da CGTP-IN, companheiro de luta durante algumas dezenas de anos, acaba de publicar mais um livro, intitulado *Sindicalismo na Revolução de Abril* – o que constitui mais um importante contributo para o conhecimento da riquíssima experiência de vida e de luta dos trabalhadores portugueses e do seu movimento operário e sindical.

Este seu livro segue-se a um outro, também da sua autoria e igualmente com muito interesse, publicado em Agosto de 2007, sob o título *Diálogo com a História Sindical - de Criados Domésticos a Trabalhadores Assalariados* – onde aborda, para além de outros temas, as lutas e reivindicações dos trabalhadores do sector a que ele pertencia, a evolução da organização sindical e as principais etapas da história do Movimento Sindical Português.

Esta sucessão de escritos sobre temas sindicais e aquilo que o autor adianta, na página 11 do seu novo trabalho, ao explicar o porquê deste livro, leva-nos a crer que o Américo não vai ficar por aqui. Decerto, outros trabalhos se seguirão porque, como diz, "embora reformado da profissão e da condição de dirigente sindical, continua activo na militância sindical e política".

Sobre o Livro, agora publicado, começo por dizer que embora pareça extenso, tem cerca de 400 páginas, não é caso para os potenciais leitores se assustarem, pois é um Livro de fácil e agradável leitura, escrito num estilo muito próprio e desasombrado.

O próprio título "SINDICALISMO NA REVOLUÇÃO DE ABRIL" e a respectiva capa do livro, da autoria do camarada Victor Ranita, destacado dirigente sindical dos metalúrgicos do Porto e da CGTP-IN, quer antes quer depois do 25 de Abril, sugerem um conteúdo de grande significado sobre a unidade e a luta dos trabalhadores portugueses pelas liberdades sindicais e democráticas e pelas transformações económicas e sociais, que a Constituição de Abril veio a consagrar.

Basta percorrer o índice para, através dos títulos e subtítulos, dos IX capítulos que o livro contém, se ficar com uma ideia da riqueza e do interesse das matérias

tratadas, quer do ponto de vista do percurso de vida pessoal e profissional do autor, quer sobretudo do ponto de vista da iniciação e participação na luta, sindical e política, desenvolvida no seu sector de actividade, a hotelaria e turismo, mas também e sobretudo no plano mais geral, num dos períodos mais ricos e exaltantes da história do nosso país.

É, como o próprio Américo refere, "um livro de memórias, histórias e reflexões, que acaba de ser escrito no ano em que se comemora o 40.º Aniversário da CGTP-INTERSINDICAL NACIONAL". Por isso, muito do que se conta está relacionado com a história da nossa Central.

O livro aborda, no essencial, quatro períodos distintos:

- o período dos primeiros 30 anos de vida do autor, no qual são relatadas algumas experiências e considerações, sobretudo relacionadas com a sua terra natal, a família, o trabalho e a guerra colonial;
- o período que vai da formação da Intersindical até ao 25 de Abril de 1974, no qual aborda a luta antifascista desenvolvida nesse período, a repressão que se abatia sobre os trabalhadores, o encerramento coercivo dos sindicatos que tinham direcções da sua confiança, as prisões de dirigentes, a luta pelos contratos colectivos, contra a censura e pelo direito de reunião, de associação e de greve.
- O 25 de Abril e o período revolucionário que se seguiu até ao 25 de Novembro de 1975, destacando-se o gigantesco 1.º de Maio de 1974, as conquistas alcançadas – como o SMN, a proibição dos despedimentos sem justa causa, a redução do horário de trabalho, um mês de férias pagas, subsídio de férias e 13.º mês pelo Natal, o que permitiu inverter a distribuição da riqueza criada,

passando dos 40% para os 60%, para os salários, e dos 60% para os 40%, para o capital.

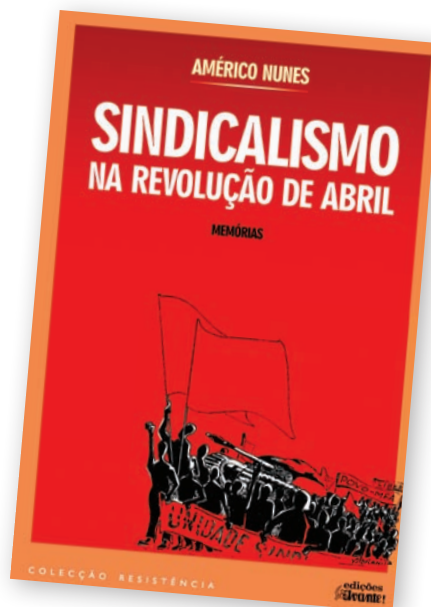
A liberdade de reunião, de manifestação e de associação, o direito à livre contratação colectiva e o direito à greve, a protecção no desemprego, etc... As nacionalizações, a reforma agrária e o controle operário. Os avanços na reestruturação sindical e a criação dos sindicatos dos agricultores, dos pescadores, da função pública – STAL, STML, dos professores e da FENPROF, dos correios e telecomunicações e dos corpos especiais da Administração Pública.

- Do 25 de Novembro até ao Congresso de Todos os Sindicatos, cuja preparação e realização, em fins de Janeiro de 1977, constituiu um grandioso debate democrático, acompanhado de grandes acções de massas contra as políticas de recuperação capitalista e em defesa das conquistas de Abril. A luta pela unidade sindical contra o divisionismo e as tentativas de partir a espinha à Intersindical, fomentado pelos partidos do arco do poder ao serviço do capital.

O livro aborda ainda algumas questões e episódios interessantes, que não são do conhecimento público e, até, de muitos quadros sindicais, como por exemplo, sobre as raízes e evolução do nome da CGTP-IN, as origens da música e do hino da Intersindical e ainda as polémicas em torno do seu símbolo.

Em síntese, como diz o próprio autor, "é um testemunho de experiências e factos de um percurso com utilidade para a continuação da luta e da organização dos trabalhadores e para a sua história".

José Ernesto Cartaxo



Para uma melhor organização dos arquivos

“Arquivos Administrativos – Manual de formação”
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

No passado dia 21 de Abril, teve lugar, na sala de extracções de jogos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), o lançamento da obra *Arquivos Administrativos: Manual de Formação*¹.

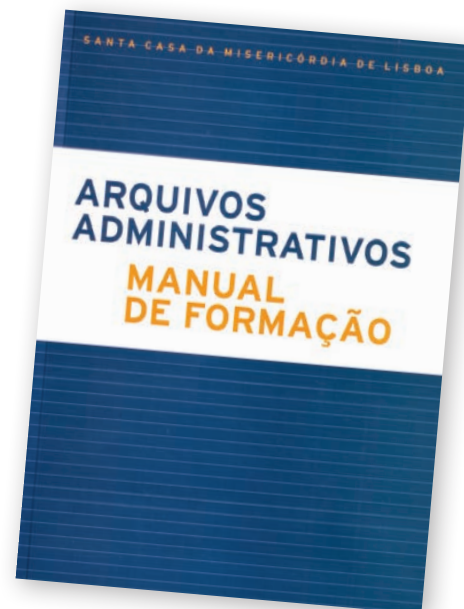
A sessão contou com a presença da Secretária-Geral da SCML, Maria Helena Oliveira, e com o respectivo provedor, Rui António Ferreira da Cunha, tendo como apresentador da obra Rafael António, um dos autores, cuja intervenção versou sobre os desafios profissionais da gestão documental.

Este manual aborda um conjunto de noções básicas a ter em conta quando se fala de arquivos administrativos, ou seja, a documentação que as organizações produzem e recebem diariamente. Definição de documento, distinção entre documento de arquivo e documento de biblioteca, o ciclo de vida dos documentos (arquivo administrativo, ou corrente, arquivo intermédio e arquivo definitivo, ou histórico), avaliação de documentos e

uma série de procedimentos e boas práticas organizativas, nomeadamente no que respeita a classificação de documentos de arquivo. A última parte do manual, da autoria de Rafael António, integra estas práticas no contexto das tecnologias de informação, tecendo um conjunto de recomendações muito úteis neste âmbito.

Este trabalho destaca-se, sobretudo, pelo notável esforço de síntese que os autores lograram alcançar e pela forma muito acessível como apresentam ao leitor pouco familiarizado com a linguagem arquivística, por vezes demasiado técnica e árida, os vários conceitos arquivísticos em causa, recorrendo, sempre que possível, a exemplos e imagens diversas. Pela sua qualidade, esta obra ultrapassará, seguramente, o âmbito institucional da SCML e alcançará outros públicos interessados num instrumento de apoio que os auxilie a dar os primeiros passos na organização os seus arquivos.

¹Francisco d'Orey Manoel; Maria Luísa Guterres Barbosa Colen; Nelson Moreira Antão; Rafael António – *Arquivos Administrativos. Manual de Formação*. Lisboa: SCML, 2009. Disponível no Centro de Arquivo e Documentação da CGTP-IN.



18

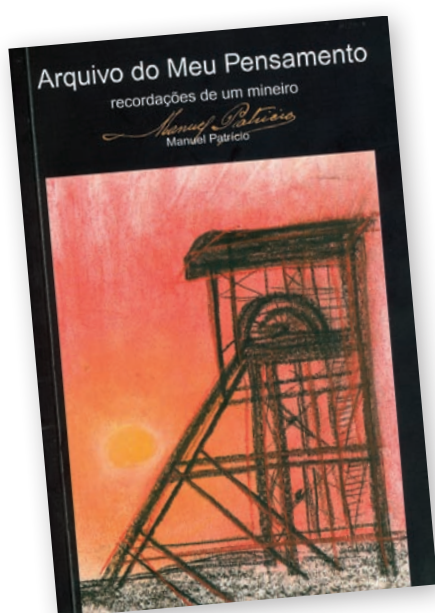
Memórias de um mineiro

“Arquivo do Meu Pensamento”
Manuel Patrício¹

Nascido a 17 de Março de 1896, dia de S. Patrício, Mina de S. Domingos, Rua do Norte, em Mértola, operário mineiro aos 12, com salário de um tostão, dirigente sindical a partir de 1927 (Sindicato dos Operários Mineiros) e preso pela primeira vez em Novembro desse mesmo ano, acusado de agitação bolchevique, pai zeloso pela educação dos seus filhos, com os poucos recursos de que dispunha, Manuel Patrício queria ter podido reuni-los a todos para lhes expor «[...] algo do arquivo do meu pensamento em palavras [...]»². Não lhe sendo possível, deixou-lhes um manuscrito, que

sua filha, Ana Maria, quis tornar nosso também.

«Relendo-o recentemente constatei que estava em falta e senti a urgência de partilhar este tesouro, por ser tão raro, pela sua beleza, pela simplicidade com que descreve recordações pessoais e factos históricos. [...] Por tudo isso aqui está! É também vosso o Arquivo do Meu Pensamento, recordações de um mineiro, Manuel Patrício, um homem daqueles a quem Soeiro se referiu um dia, os homens que nunca foram meninos.»³



¹ Manuel Patrício – *Arquivo do Meu Pensamento: recordações de um mineiro*. [s.l.]: Ana M. G. Patrício, 2009. Disponível no Centro de Arquivo e Documentação da CGTP-IN, cota: L/10190.

² Cfr. p. 7.

³ Cfr. p. 6.

Avivar as memórias esquecidas

“Presos políticos de Castanheira de Pera”

“Os deputados de Leiria na Assembleia Constituinte”

Kalidás Barreto¹

Kalidás Barreto, ex-dirigente sindical e autor de Subsídios para a História do Movimento Operário: Castanheira de Pera, A Organização Profissional dos Trabalhadores do Sector Têxtil nos Distritos de Leiria e Coimbra (Subsídios Históricos) e Os Trabalhadores Laneiros no Distrito de Leiria [...], publicou, recentemente, duas novas obras.

Em 2009, com o patrocínio da Fundação INATEL e o apoio da Câmara Municipal de Castanheira de Pera, que tem no seu presidente, Fernando José Pires Lopes, o autor do prefácio, publicou Presos Políticos de Castanheira de Pera: 1949: “Não Apaguem a Memória”. A história de doze presos políticos (Inácio Lameiras, Valdemar Rosinha, Américo Correia, José Corga, Pompeu Braga, José da Laura, Alfredo Coelho, José Marques, Adriano Pardinha, Manuel Rebelo, Daniel da Silva e Fernando Neto) ligados a Castanheira de Pera durante o regime salazarista num livro que, nas palavras do autor, «[...] serve para avivar as memórias esquecidas e ensinar os que julgam que a ditadura de Salazar foi um mito e que reclamam uma mão forte para endireitar este país doente. Esquecem ou não sabem, esses infelizes, que mais vale uma democracia com erros do que a paz podre de uma ditadura de vozes amordaçadas em que se pode pensar mas nunca exprimir o pensamento contrário.»² Nas palavras do prefaciador, «A viagem ao passado que esta obra nos proporciona leva-nos a revisitar o tempo em que a liberdade custava vidas e até significava fome e desprezo. Revisitar esse passado é

assumir a responsabilidade que ele próprio nos impõe de o não frustrarmos, é assumir um compromisso com o futuro, capaz de actualizar, em plena luz do dia, os valores e o sentimento que lhe estão associados.»³

Já este ano, com o apoio do Governo Civil do Distrito de Leiria, Kalidás Barreto publicou Os Deputados de Leiria na Assembleia Constituinte: 1975/76, que conta com o prefácio de Mário Soares. Trata-se de um trabalho que compila a actividade, biografias e intervenções dos deputados que, tal como o próprio autor, foram eleitos pelo círculo de Leiria para a Assembleia Constituinte, entre 1975 e 1976.



Este é um trabalho que compila a actividade, biografias e intervenções dos deputados que, tal como o próprio autor, foram eleitos pelo círculo de Leiria para a Assembleia Constituinte, entre 1975 e 1976.

¹ Kalidás Barreto – Presos Políticos de Castanheira de Pera: 1949: “Não Apaguem a Memória”. Leiria: Folheto Edições & Design, D.L. 2009. Disponível no Centro de Arquivo e Documentação da CGTP-IN, cota: L/10.199; Kalidás Barreto – Os Deputados de Leiria na Assembleia Constituinte: 1975/76. Leiria: Folheto Edições & Design, D.L. 2010. Disponível no Centro de Arquivo e Documentação da CGTP-IN, cota: L/10.200.

² Cfr. p. 11.

³ Cfr. p. 9.

Reflexão sobre o trabalho através da fotografia

EXPOSIÇÃO O TRABALHO E OS TRABALHADORES

Biblioteca Municipal do Seixal

23 de Abril A 7 de Maio 2010

Esteve patente, na Biblioteca Municipal do Seixal, entre 23 de Abril e 7 de Maio, a exposição intitulada O Trabalho e os Trabalhadores.

A exposição era constituída pelos 22 quadros correspondentes aos três primeiros prémios (Maria Lopes, Nuno Direitinho, Jorge Pereira, respectivamente) e ao prémio jovem (Edgar Martins) no Concurso de Fotografia que a CGTP-IN organizou em 2005.

Na cerimónia de abertura da exposição estiveram presentes Fernando Gomes, em representação da Comissão Executiva do Conselho Nacional e Departamento de Cultura e Tempos Livres da CGTP-IN, Alfredo Monteiro, Presidente da Câmara Municipal do Seixal, Vanessa Silva, Vereadora da Educação, Cultura, Turismo e Juventude e a Directora da Biblioteca Municipal, Vera Silva.

O Presidente da Câmara destacou a importância da actividade cultural na área do sindicalismo, como vector de sensibilização, de consciencialização para as problemáticas que enfrentam os trabalhadores na sociedade, aproveitando para felicitar, neste contexto, a iniciativa da CGTP-IN por incentivar os trabalhadores a reflectirem, através da fotografia, sobre o mundo do trabalho e poderem, deste modo, expressar as suas ideias, os anseios e preocupações que polvilham as suas actividades profissionais.



O Presidente da Câmara Municipal do Seixal, Alfredo Monteiro, e Fernando Gomes, da Comissão Executiva da CGTP-IN, na abertura da exposição.

© Fotos: Luís Miguel Martins/Câmara Municipal do Seixal.

20

Centro de férias – Costa da Caparica (SIMAMEVIP)



O Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante (SIMAMEVIP), no âmbito das suas actividades de tempos livres, possui um Centro de Férias na Costa da Caparica, constituído por 16 moradias, implantado num espaço arborizado, a cerca de 200m da praia de São João. Os trabalhadores e funcionários do Movimento Sindical, sindicalizados, podem, também, usufruir deste Centro de Férias. A utilização do Centro destina-se apenas ao sócio(a) e respectivo agregado familiar. As inscrições deverão ser efectuadas exclusivamente na sede do SIMAMEVIP, mediante apresentação do cartão de sócio(a) do respectivo sindicato. Para mais informações, consulta os serviços do SIMAMEVIP.



**SINDICATO
DOS TRABALHADORES
DA MARINHA MERCANTE
AGÊNCIAS DE VIAGENS
TRANSITÁRIOS E PESCA**
Av. Elias Garcia, 123 - 2º Dtº
1050-098 Lisboa
Telef: 217802250 Fax: 217802259
E-mail: geral@simamevip.pt

Cartão CGTP

Protocolos

Cartão CGTP: Protocolos

Nome	Morada	Contactos	Desconto
Malaposta, Centro Cultural	Rua Angola, 2620-492 Olival Basto	Tel.: 21 938 31 00; Fax: 21 938 31 09; info@malaposta.pt	50% (excepto sessões de preço único)
Companhia de Teatro de Almada	Teatro Municipal de Almada, Av. Prof. Egas Moniz, 2804-503 Almada		50%
A Barraca: Companhia de Teatro	Largo de Santos, 2, 1200-808 Lisboa	Tel: 21 396 53 60; Fax: 21 395 58 45; E-mail: barraca@mail.telepac.pt; www.abarraca.com/	25%
A Escola da Noite: Grupo de Teatro de Coimbra	Rua Pedro Nunes - Oficina Municipal do Teatro, Quinta da Nora, 3030-199 Coimbra	Tel: 23 971 82 38; Fax: 23 970 53 67; Telemóvel: 96 630 24 88; E-mail: geral@aescoladanoite.pt; www.aescoladanoite.pt/	20%
A Jangada: Cooperativa Profissional de Teatro	Quinta das Pocinhas, 4020 Lousada		10%
ACTA: Companhia de Teatro do Algarve	Escritório: Rua Antero de Quental, 119 8000-210 Faro Estúdio: Rua Cunha Matos, 23, 8000-262 Faro	Tel: 28 987 89 08/28 988 27 03; Fax: 28 988 27 04; E-mail: geral@actateatro.org.pt; www.actateatro.org.pt/	30%
Aquilo Teatro	Largo do Torreão s/n, Apartado 134, 6301 Guarda	Tel. e fax: 27 122 24 99; E-mail: aquilo.teatro@sapo.pt	50%
Cena Aberta: Companhia Teatral de Santarém	Largo Padre Francisco Nunes da Silva, n.º 3, 2000-134 Santarém	Tel: e fax: 24 332 88 54; Telemóvel: 91 985 05 90 (Alexandra Baptista); E-mail: cena.aberta@mail.telepac.pt	30%
CENDREV: Centro Dramático de Évora	Teatro Garcia de Resende, Praça Joaquim António de Aguiar, 7000 Évora	Tel: 26 670 31 12; 26 674 11 81; E-mail: cendrev@mail.evora.net; www.evora.net/cendrev/	30%
Centro Cultural de Belém	Fundação Centro Cultural de Belém, Praça do Império, 1449-003 Lisboa	Tel.: 21 361 27 00; E-mail: amigoccb@ccb.pt; www.cb.pt	20% na subscrição do Cartão Amigo CCB (30% caso a adesão seja feita por débito directo em conta)
Chão de Oliva: Companhia de Teatro de Sintra	Rua Veiga da Cunha, 20, 2710-627 Sintra	Tel: 21 923 37 19; Fax: 21 923 14 46; Telemóveis: 91 220 63 84/91 616 86 39; E-mail: chaodeoliva@chaodeoliva.com	50%
Chapitô: Colectividade Cultural e Recreativa de Santa Catarina	Costa do Castelo, n.º 1/7, 1149-079 Lisboa	Tel: 21 885 55 50, Fax: 21 886 14 63; E-mail: mail@chapito.org; www.chapito.org/#	25%

Nome	Morada	Contactos	Desconto
CiRAC: Círculo de Recreio, Arte e Cultura de Paços de Brandão	Av. da Sobreira, 4538-251 Paços de Brandão	Tel: 22 744 86 25	15%
Companhia de Teatro de Braga	Teatro Circo, Av. da Liberdade, 697, 4710-251 Braga	Tel: 25 321 71 67; 25 326 24 03; Fax: 25 361 21 74; E-mail: ctb@mail.telepac.pt; info@ctb.pt; www.ctb.pt/	50%
Comuna: Teatro Pesquisa	Praça de Espanha, 1070-024 Lisboa	Tel: 21 722 17 70/6; Fax: 21 722 17 71; E-mail: geral@teatrocomuna.pt, www.comunateatropesquisa.pt/	50%
Ensemble: Sociedade de Actores	Trav. da Telheira - Telheiró Avioso (Santa Maria)	Tel: 22 982 63 18	
Lua Cheia: Teatro Para Todos	Rua da Casquilha, 16, 7.º Dto 1500-152 Lisboa	Tel: 21 443 05 91; 96 604 64 48 (Ana Enes); Fax: 21 009 34 44; E-mail: teatro@luacheia.pt; www.luacheia.pt/	15%
Marionetas, Actores e Objectos Grupo de Teatro	Largo de São Domingos, 46 r/c 4900-330 Viana do Castelo	Telemóvel: 96 459 63 13 (Carla Magalhães); E-mail: marionetas.viana@gmail.com; marionetas_viana@hotmail.com URL: http://www.teatrinho.com.pt/	50%
Quarta Parede: Associação de Artes Performativas da Covilhã	Rua Celestino David, lote 4, r/c dto, 6200-072 Covilhã	Tel. e fax: 27 533 56 86 Telemóvel: 96 978 53 13/96 901 42 54; E-mail: qp@quartaparede.com; www.quartaparede.com/	40%
Te-ato: Grupo Teatro de Leiria	Rua Pedro Nunes, 15 (ao Terreiro) Apartado 1066 – 2401-801 Leiria	Tel./fax: 24 482 84 79; Telemóvel: 96 290 43 85; E-mail: teatroleiria@gmail.com ; te-ato@alcachofra.net ; www.alcachofra.net/Te-Ato/	30%
Teatro 3 EM PIPA: Associação de Criação Teatral e Animação Cultural	Monte Novo do Serrinho, Apartado 150 - 7630 Odemira	Tel: 28 338 66 49; Fax: 28 338 66 49; E-mail: 3empipa@sapo.pt; Telemóvel: 96 233 94 69; www.teatro3empipa.com/	20%
Teatro Art'Imagem	Rua da Picaria, 89, 4050-478 Porto	Tel: 22 208 40 14; Fax: 22 208 40 21; E-mail: producao@teatroartimagem.org www.teatroartimagem.org/	30%
Teatro Casa da Comédia: Filipe Crawford Produções Teatrais	Rua são Francisco de Borja, n.º 22, 1200-843 Lisboa	Tel: 21 395 94 17/8; Fax: 21 395 94 19; E-mail: casadacomedia@mail.telepac.pt; www.filipecrawford.com	Desconto conforme a época teatral
Teatro d'O Semeador: Teatro de Portalegre	Convento de Santa Clara Apartado 264, 7300-901 Portalegre	Tel: 24 520 78 94	25%
Teatro da Cornucópia: Teatro do Bairro Alto	Rua Tenente Raúl Cascais, 1-A 1250-268 Lisboa	Tel: 21 396 15 15; 21 396 92 05; Fax: 21 395 45 08; E-mail: info@teatro-cornucopia.pt; www.teatro-cornucopia.pt/htmls/home.shtml	20%
Teatro da Garagem: Teatro Taborda	Costa do Castelo, 75, 1100-178 Lisboa	Tel: 21 885 41 90; Fax: 21 868 85 50; E-mail: geral@teatrodagaragem.com www.teatrodagaragem.com	50%
Teatro das Beiras	Travessa da Trapa, 2 , Apartado 261, 6201-909 Covilhã	Tel: 27 533 61 63; Fax: 27 533 45 85; Telemóvel: 96 305 59 09; E-mail: geral@teatrodasbeiras.pt; www.teatrodasbeiras.pt/home.asp	40%
Teatro de Animação de Setúbal	Forum Municipal Luisa Todi, 2900 Setúbal	Tel: 26 553 24 02; Fax: 26 522 91 30; E-mail: tas.setubal@netcabo.pt	25%

Nome	Morada	Contactos	Desconto
Teatro de Ferro	Rua do França, 8/58, 4400-174 V. N. Gaia	Tel.: 22 370 00 11; Tel.: 96 256 96 56; E-mail: geral@teatrodeferro.com, teatrodeferro@gmail.com; www.teatrodeferro.com, www.myspace.com/teatrodeferro	20%
Teatro de Marionetas do Porto	Rua de Belomonte, 57, 4050-097 Porto	Tel: 22 208 33 41; Fax: 22 208 32 43; E-mail: teatro@marionetasdoporto.pt; www.marionetasdoporto.pt	20%
Teatro do Bolhão: Academia Contemporâ- nea do Espectáculo	Praça Coronel Pacheco, n.º 1 4050-453 Porto	Tel: 22 208 90 07; Fax: 22 208 00 52; E-mail: teatrodobolhao@ace-tb.com	50%
Teatro do Noroeste	Teatro Municipal Sá de Miranda Rua Sá de Miranda, 4900 Viana do Castelo	Tel: 25 882 28 05; E-mail: teatro-municipal@cm-viana-castelo.pt; www.cm-viana-castelo.pt/teatro/noroeste.htm	50%
Teatro dos Aloés: Companhia Profissional de Teatro	Rua António Ferreira, n.º 1 - 9.º Dto, 2700-134 Santarém		50%
Teatro Experimental de Cascais	Teatro Municipal Mirita Casimiro Av. Marechal Carmona, 6 B	Tel: 21 467 03 20; Fax: 21 483 21 86; E-mail: t.e.c@netcabo.pt; www.tecascais.org	50%
Teatro Extremo	Rua Serpa Pinto, n.º 16, Apartado 124, 2801-801 Almada	Tel: 21 274 22 20; 21 272 36 60 (Escritório); Fax: 21 272 36 69 (Escritório); E-mail: teatro@teatroextremo.com; www.teatroextremo.com/te.htm	25%
Teatro Fórum de Moura	Rua Cardeal Lacerda, 8, 7860-018 Moura	Tel.: 96 009 32 69/96 670 60 36; E-mail: teatroforummoura@gmail.com; www.teatroforumdemoura.blogspot.com	20%
Teatro Infantil de Lisboa	Rua Tereiro do Trigo, n.º 66, 5.º C, 1100-604 Lisboa	Tel: 21 886 05 03; 21 715 40 57 (Bilheteira); Fax: 21 887 25 58; E-mail: info@til-tl.com; www.til-tl.com	7,00€ de desconto por bilhete
Teatro Nacional São João	Praça da Batalha, 4000-102 Porto	Linha verde: 800 10 8675; Tel: 22 340 19 00; Fax: 22 208 83 03; E-mail: geral@tnsj.pt; www.tnsj.pt	5€ na compra de bilhetes para os espectácu- los do TNSJ, para lugares de Plateia (também no Teatro Carlos Alberto) e Tribuna; 50%, incluindo acompanhan- te, mediante aquisição dos bilhetes com 48 horas de antecedência.
Teatro o Bando	Vale de Barris, Apartado 152, 2950- 055 Palmela	Tel: 21 233 68 50; Fax: 21 233 42 41; E-mail: geral@obando.pt; www.obando.pt	Preço único de 5€
Teatro Pé de Vento: Colectivo de Animação Teatral	Rua da Vilarinha, 1386, 4100-513 Porto	Tel: 22 610 89 24; E-mail: pevento@clix.pt	50%
Teatroesfera	Rua Cidade Desportiva, 2745-012 Queluz	Tel: 21 430 34 04; Fax: 21 430 17 57; E-mail: geral@teatroesfera.com; www.teatroesfera.com	50%

José Saramago, 1922-2010

Se há pessoas identificadas e reconhecidas no e pelo povo português, José Saramago será, por certo uma delas. José Saramago interpretou a alma e o sentir desse povo que tão bem conheceu. É disso exemplo “Levantado do Chão”, escrita empenhada e sofrida por cumplicidade em vida comum com o povo que o acolheu e, mais tarde, merecidamente, o reconheceu.

Assim continuou com o épico “Memorial do Convento”, assim foi no “Ano da Morte de Ricardo Reis”, pontuando alma e história, cultura e identidade, a propósito de um povo que amava.

José Saramago, um extraordinário português, militante sem hesitações, comunista por convicções e práticas, identificado e solidário com as grandes causas dos trabalhadores e dos humilhados de todas as latitudes e espaços, lutador pela paz, democrata efectivo, jovem até ao fim, corajoso e frontal, sempre procurou abrir caminhos novos.

O merecido Nobel, aguçou-lhe a vontade, despertou-lhe forças, transportou-o para um mundo global que também o acolheu e o reconheceu.

A causa ganhou outra dimensão e outros caminhos. Irritou-se com a mesquinhez lusitana mas não deixou de honrar a sua

origem e as suas cumplicidades, mantendo um olhar arguto, atento, crítico, prenhe de humor e seriedade, sobre o seu país, o mundo, a sociedade e as pessoas.

Operário, jornalista, político, escritor, cidadão de alma cheia, Saramago percorreu com a CGTP-IN caminhos determinantes na luta pelos direitos dos trabalhadores:

- Logo após a revolução de Abril, Saramago participa em plenários de trabalhadores, em grandes empresas, discutindo o futuro que se ansiava;
- De Nobel na mão, em Outubro de 1998, Saramago chega à Portela e, numa das suas iniciativas mais simbólicas e significativas, deixa o poder institucional, que o esperava no Centro Cultural de Belém, e ruma ao Terreiro do Paço, encabeçando uma manifestação

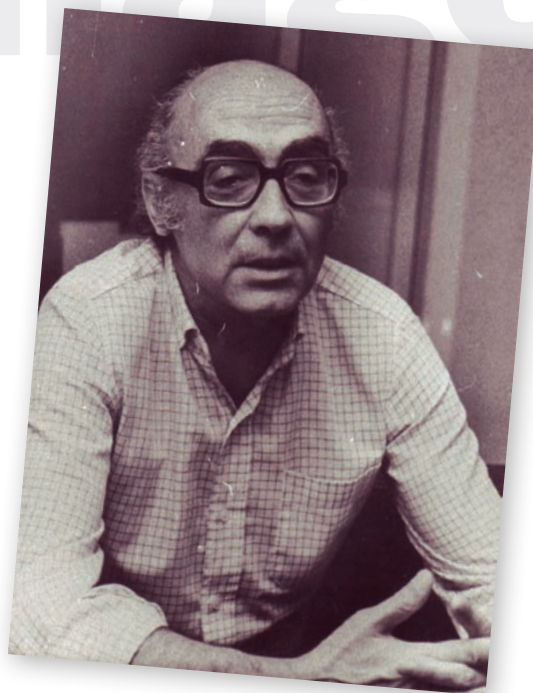
promovida pela CGTP-IN, falando aos trabalhadores em defesa da semana das 40 horas de trabalho;

- Solidarizou-se com o movimento brasileiro dos sem terra e, juntamente com Chico Buarque e Sebastião Salgado, participou, na sede da CGTP-IN, na sessão de lançamento do livro deste, com prefácio seu, sobre aquele movimento;
- Em 2001 pertenceu à Comissão de Honra, presidida pelo então Presidente da República, Jorge Sampaio, de homenagem a Bento de Jesus Caraça, na ocasião do centenário do seu nascimento, em sessão promovida pela CGTP-IN. Aí nos deixou mais expressões do seu pensamento numa interessante conferência;
- Esteve em múltiplas iniciativas pela paz, nos quatro cantos do mundo e, em particular, contra a brutal invasão do Iraque.

José Saramago partiu e, com ele, o amigo, o companheiro, o camarada.

Guardaremos o exemplo das suas práticas, a obra, a memória, a cumplicidade, a dedicação às causas.

À sua família e, em particular, à Pilar o nosso abraço solidário. Obrigado e até sempre.



De Nobel na mão, em Outubro de 1998, Saramago chega à Portela, deixa o poder institucional, que o esperava no Centro Cultural de Belém, e ruma ao Terreiro do Paço, encabeçando uma manifestação promovida pela CGTP-IN, falando aos trabalhadores em defesa da semana das 40 horas de trabalho

Pel 'A Comissão Executiva da CGTP-IN

Manuel Carvalho da Silva
Secretário-geral